

O giro imaginativo no estudo do antiquariato britânico: *In Defiance of Time*, de Angus Vine

The imaginative turn in the study of British antiquarianism: *In Defiance of Time*, by Angus Vine

VINE, Angus. *In Defiance of Time: Antiquarian Writing in Early Modern England*. Oxford: Oxford University Press, 2010, 272 p.

Pedro Telles da Silveira

doca.silveira@gmail.com

Doutorando

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Rua Novo Hamburgo, 238 - Passo d'Areia

90520-160 - Porto Alegre - RS

Brasil

Palavras-chave

Historiografia moderna; Antiquariato; Ars histórica.

Keywords

Modern historiography; Antiquarianism; Ars historica.

155

Recebido em: 9/7/2013

Aprovado em: 1/9/2013

Embora seja considerado um clássico do cinema, *Um corpo que cai*, de Alfred Hitchcock, não é usualmente reconhecido por suas referências ao antiquariato. O que não significa que elas não estejam lá. Quando “Scottie”, a personagem representada por James Stewart, começa a se envolver no mistério da personagem de Kim Novak, vítima do complô armado por seu marido, ele pergunta a sua amiga, Midge, quem ela conhece que seja uma autoridade na história de San Francisco, ao que ela enumera uma série de professores de Berkeley. Scottie objeta rapidamente, pois não lhe interessa história acadêmica, mas sim aquela outra, “as coisas pequenas” (“*the minute stuff*”). A cena corta e vemos os dois conversando com um senhor velho em uma loja de livros usados e que parece tão deslocado de seu tempo quanto distante do departamento de história da universidade local. Este é um antiquário.

A imagem desta personagem, como lembra Angus Vine, não é nem um pouco lisonjeira. Embora a sátira a ela seja menos mordaz hoje em dia do que já foi em momentos passados, o antiquário é frequentemente visto como alguém insignificante, reduzido às empoeiradas salas que habita – ou tentando vender qualquer quinquilharia por um preço abusivo. Na Idade Moderna, porém, o antiquariato era, “pelo contrário, uma resposta dinâmica, de recuperação e ressurreição do passado. E por esta razão era também uma resposta essencialmente imaginativa a este passado” (VINE 2010, p. 3),¹ além, é claro, de uma resposta que não se furtava a dizer muito sobre o presente no qual era dada.

156

Angus Vine é professor de literatura inglesa na Universidade de Stirling, na Escócia, e *In Defiance of Time: Antiquarian Writing in Early Modern England*, resultado de sua tese de doutoramento, é seu primeiro livro. Ao mesmo tempo um detalhado estudo de caso sobre a prática antiquária britânica, ele também se constitui como uma importante revisão de uma imagem do antiquariato que se sedimentou não apenas entre o público amplo mas também na academia.

Os últimos anos têm visto um crescente número de publicações que visam retomar os fundamentos do estudo dos antiquários da Idade Moderna, principalmente na tentativa de revisar as bases estabelecidas por Arnaldo Momigliano em seu seminal estudo, “Ancient History and the Antiquarian”, publicado em 1950. Para o historiador italiano, a despercebida figura do antiquário gozara de um papel fundamental na evolução do método histórico pois, numa época em que o historiador se dedicava sobretudo a reiteração de lições morais para o presente, ao antiquário interessava o conhecimento efetivo do passado. Para isso, ele tinha de ampliar o escopo das evidências históricas disponíveis, dedicando-se ao estudo de ruínas, inscrições epigráficas, moedas antigas e outros vestígios da antiguidade. Como resultado, o antiquário abandonava a forma clássica da historiografia – a narrativa em ordem cronológica – para explorar a descrição sistemática, oferecendo um quadro sincrônico da sociedade de que tratava. A atividade do antiquário, este é o argumento central do historiador italiano, acaba sendo responsável por salvar a historiografia da

¹ No original “Instead, it was a dynamic, recuperative, resurrective response to that past. And for this reason it was also an essentially imaginative response to the past”.

crise cética que a assola em meados do século XVII, quando a dúvida sobre a possibilidade de algum saber histórico, mediante as narrativas conflitantes a seu respeito, teria sido sanada com o auxílio dos novos critérios de prova e novas evidências que os antiquários – longe dos historiadores, argumenta Momigliano – vinham desenvolvendo.

Esse arco narrativo deu origem a um vasto campo de estudos, o qual foi responsável por lançar luz sobre a pré-história da historiografia disciplinar como um campo relevante para o desenvolvimento da historiografia. Tornou-se ponto comum, entretanto, repetir que essa abordagem acabou por resultar numa visão demasiado cerrada das possibilidades abertas à historiografia na Idade Moderna. Como o próprio Vine sustenta, “muito frequentemente os estudiosos modernos têm levado em consideração o antiquariato apenas por suas inovações técnicas e críticas, ignorando outros aspectos que não se encaixam com menor facilidade nos relatos teleológicos do progresso historiográfico” (VINE 2010, p. 12)² e como outro autor já afirmou, o paradoxo é que o responsável por trazer os antiquários à atenção da historiografia contemporânea foi também quem perpetuou sua posição “em uma teleologia antiquada”, na qual ele é uma personagem, ao cabo, secundária (MILLER 2007, p. 28-29).

Em seu livro, Vine realiza ao mesmo tempo um estudo mais direcionado do antiquariato e uma revisão dos argumentos de Arnaldo Momigliano. Para o autor, “até recentemente, eles [os historiadores] foram igualmente restritos em sua abordagem do antiquariato, reservando seu interesse apenas para os momentos nos quais os métodos antiquários traíam os inícios da disciplinariedade moderna” (VINE 2010, p. 10).³ O objetivo do historiador inglês, portanto, é perceber, em primeiro lugar, o antiquariato como parte integral da cultura de sua época e, em segundo lugar, compreender o antiquário em seus próprios termos, e não apenas como um complemento ao desenvolvimento da historiografia.

O primeiro capítulo, “Material Beginnings: John Leland, John Twyne, John Stow”, centra-se sobre a atuação de três antiquários que se valiam das evidências materiais para seu trabalho. Segundo o autor, embora o estudo das coleções e dos gabinetes de curiosidades setecentistas seja tópico de estudos recentes, normalmente tem-se desprezado as práticas colecionistas realizadas desde o início do século XVI. Essas coleções perfaziam o movimento que, para Vine, acaba por ser característico do antiquariato seiscentista:

Inicialmente, ao menos, este interesse [coleccionista e material] pode ter sido documentário; os primeiros relatos das antiguidades tendiam a ser breves e descritivos. Porém, por volta do final do século XVI, o potencial histórico e imaginativo desses vestígios foi completamente realizado (VINE 2010, p. 23).⁴

² No original: “Too often modern scholars have considered antiquarianism only for its technical and critical innovations, ignoring other aspects which fit less easily into teleological accounts of historiographical progress”.

³ No original: “Until recently, they have been similarly restrictive in their approach to antiquarianism, reserving their attention only for when antiquarian methods betray the beginnings of modern disciplinarity”.

⁴ No original: “Initially, at least, this interest may well have been documentary; early accounts of antiquities tend to be descriptive and brief. But by the end of the sixteenth century the historical and imaginative

Ou seja, as ruínas e outros vestígios materiais deixaram de ser apenas relíquias deixadas pelo passado para se transformar em aberturas pelas quais o passado podia ser enxergado. Nesse sentido, eles realizam o que caracteriza um certo olhar antiquário, ou seja, “com este curioso deslocamento no tempo, uma memória do passado se transforma numa visão do presente” (VINE 2010, p. 4). A ênfase na visão, por último, também indica que, para muitos antiquários, o testemunho ocular é uma fonte de maior confiabilidade que a evidência oriunda de fontes literárias (VINE 2010, p. 28) – sem que esta seja, é claro, a única forma de evidência trabalhada por eles.

O testemunho em primeira pessoa muitas vezes era conseguido por meio de escavações feitas à busca dos vestígios antigos. Através do processo de escavação, um antiquário como John Stow conseguia “desenterrar o passado, e a escrita antiquária realmente podia sustentar sua presença”, pois “Camadas de história eram facilmente descobertas, sendo a tarefa do antiquário e do tipógrafo reuni-las novamente” (VINE 2010, p. 44). A passagem demonstra uma das preocupações de Vine, a tentativa de não reduzir o método do antiquário nem apenas ao exame das evidências materiais tampouco apenas ao de natureza filológica. É em sua combinação que o antiquário ganha força.

Por fim, ao mostrar como a adoção de métodos desenvolvidos por antiquários da Europa continental, em especial da Itália, eram apropriados por seus colegas britânicos, o autor apresenta um ponto a favor da existência de contextos antiquários locais, os quais se mantêm em intercâmbio com outros contextos mas são, não obstante, independentes em suas preocupações temáticas. No caso, John Leland, um dos sujeitos estudados no capítulo, pretendia encontrar – por meio da escavação arqueológica – novas evidências para sustentar o caráter histórico do Rei Arthur. Antiquariato e política não estavam, portanto, tão distanciados quanto a narrativa de Momigliano sugere – e a menção a este problema muito específico da realidade inglesa serve de suporte ao questionamento de Peter N. Miller de porque o historiador italiano não dialogou com os estudiosos ingleses que se dedicavam à história do antiquariato na Grã-Bretanha na primeira metade do século XX (MILLER 2007, p. 19). Se o fizesse, talvez seu argumento tivesse sido outro.

Se a inovação trazida pelo antiquário não se limita ao campo das evidências materiais e, por conseguinte, do testemunho ocular, resta tentar entender com que outros procedimentos e evidências ele trabalhava. Uma dessas evidências era a etimologia. Segundo Vine, “os antiquários [...] consideravam a linguagem como um registro confiável da mudança do tempo e, por conseguinte, também de sua continuidade como qualquer outra forma de evidência” (VINE 2010, p. 52).⁵ Traçando o uso da etimologia como argumento antiquário a partir de suas influências platônicas – em especial do *Crátilo*, no qual se sustenta que a palavra contém algo da natureza do objeto denotado –, ramistas e, por fim, do tratadista político e histórico do século XVI, Jean Bodin, o autor destaca a

potential of those remains had been more fully realized”.

⁵ No original: “The antiquaries [...] considered language to be as secure a Record of historical change, and therefore also continuity, as any other form of evidence”.

etimologia como local no qual os argumentos antiquários poderiam se combinar facilmente com um uso retórico da evidência, defendendo a antiguidade de reinos, domínios e práticas específicas (VINE 2010, p. 78).

Vine aponta, bastante corretamente, que a prática antiquária não era desinteressada dos problemas de seu presente. Este é outro ponto da revisão contemporânea do antiquariato. A complexa relação entre antiquariato, teoria política e poder tem como pano de fundo, na verdade, a consideração de que “o pensamento político do século XVII deveria ser entendido como uma forma de atividade antiquária” (MILLER 2000, p. 77), de modo que os antiquários, pelo estudo dos costumes passados, ofereciam os exemplos a serem debatidos politicamente. Vine não segue esta tese até seu fim, colocando a viagem como local de conjugação entre a reflexão política e a antiquária, como veremos quando abordarmos o quinto capítulo do livro.

A partir da análise da correspondência de William Camden (1551-1623) em torno a sua *Britannia* (1586, com sucessivas reedições até 1607), Angus Vine chega a um dos mais importantes argumentos de seu estudo, qual seja, o de que “uma história do antiquariato deveria ser também uma história de seu círculo e de seus correspondentes” (VINE 2010, p. 82). A colaboração, afirma Vine a partir do trabalho do antiquário inglês, “começa a aparecer como uma forma integral da metodologia antiquária”,

No caso de seus correspondentes do Norte, a colaboração lhe permitiu [a Camden] incorporar o ramo arqueológico do pensamento antiquário assim como o filológico, que seu estudo exaustivo de fontes clássicas e outros manuscritos já haviam trazido à tona (VINE 2010, p. 98-99).⁶

159

E, mais importante ainda, através da análise de como Camden utilizava os testemunhos de seus interlocutores em seu processo de escrita, o autor consegue demonstrar como o antiquário era simultaneamente um estudioso de seus próprios temas e um leitor diligente, o qual costurava os dizeres dos outros para compor sua própria obra (VINE 2010, p. 83).

A colaboração e a ética de trabalho que dela resulta são mais um ponto de contato do livro de Vine com a bibliografia recente a respeito do antiquariato. Destaca-se, em especial, o livro de Peter N. Miller dedicado a Nicolas-Claude Fabri de Peiresc (1550-1637), cuja rede de correspondência ia da Península Ibérica ao Oriente Médio (MILLER 2007). Angus Vine, porém, é mais bem-sucedido, uma vez que consegue demonstrar efetivamente como o antiquário transforma suas anotações e sua correspondência num texto ulteriormente editado, enquanto o livro de Miller sofre com a notória deficiência de sua personagem principal em conseguir dar à estampa seus textos. Angus Vine também demonstra que os antiquários já se entregavam de maneira coletiva ao estudo do passado, aspecto que – normalmente – é apenas visto com o início das pesquisas eruditas das congregações religiosas setecentistas (BARRET-KRIEDEL 1996).

⁶ No original: “In the case of his northern correspondents, collaboration enabled him to incorporate the archaeological strand of antiquarianism thought as well as the philological one, which his exhaustive thrawl through classical sources and other manuscripts already brought to the fore”.

Em “Monuments and Megaliths: From Stonehenge to ‘Stonage’”, o autor retoma a discussão sobre o caráter das fontes e dos procedimentos metodológicos utilizados pelo antiquário. Stonehenge acaba por se constituir, para os antiquários ingleses, em paradigma de um “monumento silencioso”, isto é, na medida em que inexistem documentos escritos relativos à sua construção ou a seus construtores, é preciso de alguma forma fazer o monumento falar. O procedimento para isso é sua mensuração e descrição. Stonehenge, contudo, chama a atenção por desafiar os objetivos dos antiquários: quanto mais examinam e escrevem sobre ele, menos consenso há sobre suas origens. Os monumentos silenciosos acabam dizendo mais a respeito das tentativas infrutíferas de estudá-los do que oferecendo qualquer espécie de saber. Para estudá-los, um conjunto de procedimentos que possuía a empiria e a observação enquanto parte de seus pressupostos tinha de reconhecer que a principal forma de acesso ao passado ainda era a evidência fornecida pelos historiadores do passado (VINE 2010, p. 138). Mais que em qualquer ponto do livro, evidência escrita e evidência material são tudo menos excludentes.

Os monumentos silenciosos são casos-limite da empresa antiquária, uma vez que desfiem o que está em seu cerne: a ressurreição do passado. Esta é uma partida que necessariamente já está perdida – e, por isso, precisa da imaginação para que seu equilíbrio seja restaurado –, uma vez que, como afirma o autor, o paradoxo do antiquário é o de possuir a fé “de que o tempo pode ser desafiado por meio de coleções, reconstruções e textos” e a crença “de que todas as coisas sublunares estão sujeitas a mudança” (VINE 2010, p. 7). O antiquário se dividia entre o lamento da temporalidade que fazia o passado submergir no esquecimento e a vontade de preservar esses restos do passado que, atingidos pela atuação do tempo, ganhavam destaque e se tornavam objeto de atração e curiosidade.

160

O quinto capítulo, por seu turno, centra-se na viagem antiquária, desenvolvendo a noção de que o relato de viagem escrito funcionava como uma espécie de coleção dos objetos e monumentos vistos (VINE 2010, p. 143). Em certo sentido, ao abordar as *artes apodemicae*, isto é, os manuais de viagem, Vine fornece o complemento a algo que apenas se sugere no estudo de Anthony Grafton sobre as *artes historicae*: a decadência deste último gênero de escritos teria relação com o aumento do número de relatos de viagem que forneciam justamente a comparação entre tempos e costumes à qual a *ars historica* pretendia servir de guia a seu leitor (GRAFTON 2007, p. 200). A viagem antiquária se encontra no meio do caminho entre o estudo histórico e o estudo político comparado do presente, demonstrando – assim me parece, ao menos – uma instância na qual é o antiquário que ultrapassa o historiador, e não o contrário.

Por fim, o sexto capítulo, ao enfatizar a leitura para a criação imaginativa do antiquário e para a definição de seu público-leitor, demonstra como o interesse antiquário era difundido na sociedade inglesa quinhentista. Mais que os outros capítulos, este apresenta a preocupação antiquária como uma forma de criatividade não apenas a respeito mas também a partir do passado. A imaginação antiquária, e este é um dos últimos argumentos do livro, não se contrapunha necessariamente à intenção de documentar os resquícios do

passado espalhados sobre a superfície – ou nela escondidos. Pelo contrário, intenção documental e imaginação eram complementares. E embora ele não desenvolva em detalhes, pode-se perceber que muito da decadência do estudo antiquário não se deva à superação de seus procedimentos metodológicos, mas sim à quebra da cadeia que levava do documento à imaginação. De certa forma, todos os monumentos, a partir do século XVII (e aqui o historiador da historiografia pode buscar o ponto de virada a respeito disso) se tornaram monumentos silenciosos.

Num momento em que o fascínio pelo passado transcende o meio acadêmico e se mistura aos mais diversos aspectos do cotidiano – e num momento no qual a própria academia começa a voltar seus olhos sobre outras formas de apreensão do passado que não a historiográfica, como por meio da *presença* que o que já foi sugere, *In Defiance of Time* vem demonstrar o que os historiadores podem aprender revisitando novamente o gabinete do antiquário em busca de uma resposta que não é apenas conceitual ao passado mas também emocional, afetiva e imaginativa.

Referências bibliográficas

- BARRET-KRIGEL, Blandine. **L’histoire à l’âge classique**: les academies de l’histoire. Paris: PUF, 1996.
- GRAFTON, Anthony. **What was history?** The Art of History in Early Modern Europe. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- MILLER, Peter N. (ed.). **Momigliano and Antiquarianism**: Foundations of the Modern Cultural Sciences. Toronto: Toronto University Press, 2007.
- _____. **Peiresc’s Europe**: Learning and Virtue in the Seventeenth Century. New Haven: Yale University Press, 2000.
- VINE, Angus. **In Defiance of Time**: Antiquarian Writing in Early Modern England. Oxford: Oxford University Press, 2010.